

17.03.1954

# PANORAMA DA 2.<sup>a</sup> BIENAL

- XII -

## ULTIMAS SALAS BRASILEIRAS

Maria Eugenia Franco

Todos os que percorreram as salas do Brasil, no Palacio dos Estados, perceberam a maturidade maior de nosso desenho e de nossa gravura, relativamente às outras artes nossas. Já nos referimos ao grupo dos desenhistas em artigo anterior. Iniciaremos este ultimo corte no vasto panorama artistico de nossa época, apresentado pela 2.a Bienal de São Paulo, comentando os gravadores brasileiros.

### A GRAVURA DO BRASIL

Uma das características importantes da secção de gravura brasileira da Bienal é a de que, alem da qualidade superior de grande parte dos trabalhos expostos, podemos ali encontrar um conjunto quase completo das pesquisas realizadas atualmente pelos nossos gravadores modernos. Faltam alguns pintores que se dedicaram à gravura, Segall e Portinari principalmente. A maioria dos gravadores profissionais compareceu, porém. E a respeito deles cabe a mesma observação feita a propósito dos desenhistas: a da existencia de estilos pessoais, ao lado de uma grande consciencia tecnica das possibilidades expressivas da gravura.

OSVALDO GOELDI, o veterano dos gravadores modernos do Brasil, 1.º Premio Nacional, na Bienal do Trianon, enviou um conjunto de admiravel unidade de estilo, trabalhos todos recentes, que bem atestam a maturidade e a segurança atingidas pelo artista. Explorando um dos conceitos tradicionais da xilografia, o dos largos planos de cor, das linhas firmes que riscam um desenho de formas nítidas na madeira dura, Goeldi alcança a síntese aspera da forma e a profundidade das sombras existentes nos melhores momentos de sua obra. Em composições como "Gato" ou "Nuvens Pretas", a fantástica e estranha cabeça de animal, muito ampliada proporcionalmente aos outros elementos figurativos, aparece como uma espécie de "leit-motiv" de grande força simbólica. E nos levam ao amago da temática expressionista do gravador: esse mundo subterrâneo, cheio de angustias dostoevskianas. A fusão perfeita entre a densidade expressiva da técnica, a força plastica da forma e dos meios tons, a segura dos planos, seu equilibrio dentro de grandes assimetrias, a síntese crua das deformações conseguem uma atmosfera de drama intenso, que brota da propria concepção da gravura tanto quanto da expressão formal dos temas.

Enquanto Goeldi aprofunda as possibilidades expressivas de um estilo e de um mesmo conceito tecnico, LIVIO ABRAMO, que se iniciou empregando também os planos largos, voltou-se mais tarde para outra tradição xilografica: passou a explorar as lascas sobre madeira de topo, retomando uma tradição que também fez escola entre nós, e é até hoje seguida por diversos gravadores jovens. No entanto, sua imaginação tecnica, sua versatilidade o induziram a ir além, a procurar novas variações na propria xilografia. Seu estilo atual, que o levou a ganhar o 1.º Premio Nacional, desta vez, depois de haver obtido já o 2.º, na Bienal anterior, aproveita a madeira de fio, o que permite um traço mais fino, mais leve e menos densidade tonal nas superficies lisas. Inspirando-se ainda na natureza brasileira, Livio Abramo dela extrai agora a verticalidade das palmeiras, das altas montanhas. Sintetiza-a pela utilização de retas paralelas verticais ou horizontais, criando composições harmoniosas, de impecavel equilibrio. Entretanto, o resultado formal é uma síntese fria dessa natureza tão cheia de um sol que o gravador transforma em simboles.

Continua há muitos anos fazendo variações em torno do principio das lascas na madeira de topo, herdado de Livio Abramo, o gravador MARCELO GRASSMANN. Não temos de forma alguma o preconceito da variedade de estilo como prova do talento de um artista. E a arte de um Osvaldo Goeldi, de um Marcelo Grassmann nos provam que esse preconceito pode afastar do aprofundamento estilístico, no sentido de sua verticalidade expressiva, de sua variabilidade sempre infinitas. Grassmann não se tem repetido, nesses ultimos anos, embora permaneça dentro de uma unidade tecnica cujo ponto mais alto foram as "Harpas", expostas na 1.a Bienal. O que nos apresenta, no Ibirapuera, embora mantenha a mesma linha das deformações de fantasmagorias super-realistas, aproxima-se às vezes de um realismo chocante, em alguns pormenores, como no rosto de mulher que aparece na serie quase toda. Isso contrasta com a complexidade formal de Marcelo Grassmann, sem duvida o mais imaginoso e o mais forte dos gravadores de sua geração.

Dizia Rodin que um artista devia aceitar a critica quando vinha de encontro às suas proprias duvidas. As vezes, no entanto, a critica tem a nobre e util função de provocar no artista uma duvida fecunda. Não podemos deixar de sentir certa satisfação e compensação, quando isso acontece num País onde regra quase geral é a não aceitação, por parte do artista, de um comentario desfavoravel. Não aceitação, que, nos casos mais narcisicos, tem levado a sinceridade a ser compensada pelo insulto apenas. Assim, nos dá prazer encontrar um resultado positivo da atividade critica diante das gravuras de FAYGA OSTROWER. Durante a exposição da artista realizada, há algum tempo, no Museu de Arte Moderna, observamos que a gravadora se preocupava mais com um virtuosismo tecnico, aliás surpreendente, do que com a criação de um estilo pessoal. Embora não concordasse, de inicio, Fayga Ostrower deve ter mergulhado mais profundamente numa autocritica honesta, porque nos vem agora mais segura de um estilo, subordinando variadas tecnicas às pesquisas formais e não estas aquelas, como nas fases anteriores. As gravuras de Fayga nos mostram, atualmente, uma conjugação homogenea de formas abstratas, equilibradas pelos meios tons, os brancos e os pretos, estruturadas, organicas, bastando-se a si proprias para a figuração de um mundo subjetivo.

Entre os gravadores mais jovens, ARTUR LUIS PIZA se destaca pela imaginação super-realista e a consciencia tecnica. Tem-se falado muito na influencia de Friedlander como principal marca da fase presente do artista. Mas, se Piza trouxe do recente aprendizado com Friedlander certa concepção precisa da gravura, combinando varias tecnicas das pesquisas com metal, não nos parece que sua concepção formal do desenho, propriamente, se tenha modificado. Tornou-se mais firme, é certo, depois de sua viagem à Europa. Entretanto, a mesma tendencia para a criação de entes supra-reais transparece ainda em seu traço fino e sensível. Inspirando-se em alguma coisa de larvar da temática humana, expressa-a por intermedio de sua forma por assim dizer interior.

Um dos artistas mais cientes da tecnica da gravura é POTY LAZZAROTTO, de muita segurança na composição e no aproveitamento do claro-escuro. Todavia, Poty não se afirmou, ainda, pela originalidade de um estilo que o situe entre os nossos gravadores mais avançados. KARL HEINZ HANSEN, radicado há varios anos no Brasil, apresentou-se com uma serie de xilografias coloridas, onde a sabedoria tecnica serve uma grande e equilibrada rigidez formal. Quanto a GRACIELA FUENZALIDA, que realiza uma obra isolada, e por isso mesmo merece toda a nossa simpatia, não nos exhibe, contudo, a mesma personalidade formal de trabalhos seus anteriores. Na xilografia ainda, OBEITO GHERSONI expõe algumas composições numa síntese de linhas e planos depurados e agradáveis na cor. E as aguas-fortes de AHMES DE PAULA MACHADO criam uma atmosfera tecnica e formal de algum vigor expressionista.

Um grupo de jovens gravadoras vem explorando a litografia em preto e branco. Parece-nos, porém, que a maioria se prende a um convencional aproveitamento da pedra litografica. O resultado é um desenho confuso, pela debil utilização dos contrastes entre pretos e brancos, e um expressionismo de superficie, obtido pelo efeito das sombras mais do que pela linguagem das formas. Entre elas, ESTELLA TUSCHNIEDER e MARINA CARAM sobressaem. Na segunda, porém, certa resistencia a uma autocritica objetiva e severa lhe prejudica demasiadamente a evolução.

### PINTORES DO BRASIL

Neutra, quase sempre incharacteristica, apresenta-se na 2.a Bienal a pintura do Brasil. A adesão recente da maioria dos pintores às tendencias abstracionistas ou concretistas põe diante de nossos olhos uma arte indecisa, imatura, de imprecisos caminhos. Certamente o problema original é complexo: existem os insinceros, os que desejam um sucesso facil e aderem, sem convicção e amadurecimento, às pesquisas mais em voga; outros a ela foram impedidos por alguma coisa mais profunda, arrastados pela força impositiva das ideias contemporaneas, que os contagia e os domina. O grupo dos que permanecem figurativos, cada vez menor, também apresenta modificações: raras essenciais, quase todas sem interesse. E existe ainda a sombra fluida dos ausentes. Seja qual for o motivo dessa ausencia, ela é sem duvida lastimavel. A Bienal de São Paulo deveria poder concentrar, cada dois anos, todas as principais tendencias da arte brasileira. Seria assim util ao presente, e à fixação historica de nossas correntes artisticas.

Na impossibilidade de comentar a quase centena de pintores que figuram na sala brasileira, assinalaremos apenas os que se destacam por uma pesquisa mais pessoal. Evidentemente, entre os não citados

alguns possuem qualidades apreciaveis. Diversos, entretanto, deveriam ter sido francamente rejeitados pelo Juri de Seleção. Esse problema, assim como a discutibilidade de varios premios (tanto nacionais quanto estrangeiros); nos levam a considerar que ambos os juris, o de Seleção e o de Premiação, precisariam contar, futuramente, com mais tempo para suas escolhas e decisões.

A REALIDADE SUGERIDA — Entre os pintores figurativos que se afastam do realismo, propriamente, mas utilizam a realidade como tema, ainda, de suas concepções formais, tem valor unico ALFREDO VOLPI, 1.º Premio Nacional de Pintura. Em Volpi encontramos um dos raros pintores nossos que conseguiram absorver toda a tradição brasileira para realizar uma arte individual e profundamente nacional. Impressionado pela nitidez arquitetônica dos primitivos italianos, de Giotto principalmente, Volpi foi pouco a pouco depurando todas as origens populares de seu estilo, depois de sua viagem à Italia. Talvez se encontre agora no momento mais alto dessa fase, tendo conseguido captar a síntese do espirito brasileiro em alguma coisa onde aparece o que possuímos de mais tradicional, a arquitetura. Com intuição admiravel, fundiu a simplicidade da casa colonial à rigidez linear das correntes arquitetônicas modernas. Daí a segurança de suas composições, cujos planos retos possuem uma sobriedade nobre, digna, e a cor se aproxima do que possuímos de mais essencialmente nosso. A autenticidade intrinseca dessa fase de Volpi não lhe dá apenas um sentido social, e até mesmo sociológico: imprime-lhe também uma especie de religiosidade, de misticismo. Seu mais realizado momento é a grande tela de planos horizontais, lançados na dominante da proporção vertical. Inspirado pelas favellas de Santos, esse quadro condensa a insolubilidade da miseria e, ao mesmo tempo, a necessidade de evasão da criatura humana, sugerida por aquele mar de viagens e céu pesado em que culmina.

Quanto a TARSILA DO AMARAL, onde as mais autenticas raizes nacionais ligam à terra essa filha das fazendas paulistas, volta com mais brilho, mais maturidade e mais complexidade formal à fase pau-brasil. Basta compararmos o seu "Mercado" de agora à "Feira", de 1924, para sentirmos a modificação da pintora. Suas composições com navios, casas ou figuras são igualmente mais complexas. E tornou-se mais vibrante a cor antiga dos baús brasileiros. Suas telas não perderam a fratura e mergulham na profundidade, como se vissem todas as coisas com olhos mais interiores. Objetouse que essa volta ao passado poderia ser negativa. Quase garantiríamos, porém, que depois desse reencontro de si mesma, a pintora libertará novamente a imaginação criadora e, dentro dessa limpidez mais intensa, nos dará ainda formas novas.

Dois primitivos, aliás os unicos verdadeiros primitivos da Bienal, são Heitor dos Prazeres e José Antonio da Silva. HEITOR DOS PRAZERES continua fiel à representação de cenas da vida intima do povo carioca. Recordando as figuras com alguma dureza, em cores cruas, compõe muito bem, no entanto, como na construção triangular muito segura de "Jogo no Barraco". O ritmo, a esquematização, a recomposição pictórica da vida do negro brasileiro dão a sua pintura grande interesse documental e pitoresco. O primitivo de São José do Rio Preto, JOSÉ ANTONIO DA SILVA, apresenta-se com sua aguda sensibilidade plastica e frescura de imaginação. Homem preso a terra, sua arte é uma arte de camponês. Suas composições cheias de movimento possuem um grafismo essencialmente pictural, de grande sabor ingenuo. A finura das deformações um pouco infantis, o quase permanente bom-gosto cromático situam ainda José Antonio da Silva entre os acontecimentos raros da pintura do Brasil.

Algumas pintoras do Rio inspiram-se às vezes em temas populares, mas não podem ser consideradas primitivas, pois possuem um aprendizado tecnico regular. Entre elas, DJANIRA é a mais conhecida no Brasil e no Exterior. Com uma probidade artistica sempre digna de respeito, ela se vem modificando aos poucos, dirigindo-se no sentido de uma simplificação maior da figura e dos elementos decorativos, como vemos na bela natureza morta, em tons mais depurados. Estudando ELISA MARTINS DA SILVEIRA, julgamos que apenas o preconceito do exótico terá levado os estrangeiros a dar a essa pintora uma importancia brasileira, nacionalista, que sua arte não contém. Seus quadros são evidentemente bem construidos, bem realizados tecnicamente. Entretanto, não reproduzem o Brasil intrinsecamente e profundamente, como um Volpi, uma Tarsila, os dois primitivos, ou Di Cavalcanti e até mesmo o abstracionismo de Cícero Dias. Apresentam-nos antes um folclorismo algo carnavalesco, superficial, decorativo e muitas vezes de mau-gosto na cor. Quando explora nossa arquitetura colonial, transforma-a em simples fundo de palco, em artificial cenário. Preferimos as composições de DEA CAMPOS LEMOS, quase despercebidas, onde o senso da construção, das deformações se mostra mais puramente espacial e formal do que episódico. Há uma atmosfera inesquecível nas telas dessa pintora tão limpida e tão sobria. O silencio de seu mundo nos é transmitido por essa atmosfera, pelo escoreço das maquinas de costura e bicicletas, pelo negro opaco e ousado daquele vaso e daquelas folhas, num primeiro plano tão estranho, de tão profundo efeito pictórico.